

## A DISTRIBUIÇÃO DOS ADJUNTOS TEMPORAIS NEGATIVOS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: NEGAÇÃO, CONCORDÂNCIA NEGATIVA E CONSTRUÇÕES DE GRAU

### THE DISTRIBUTION OF NEGATIVE TEMPORAL ADJUNCTS IN CONTEMPORARY PORTUGUESE: NEGATION, NEGATIVE CONCORD, AND DEGREE CONSTRUCTIONS

Telmo Mória\*  
tmoia@letras.ulisboa.pt

Neste trabalho, analisa-se a distribuição contemporânea dos adjuntos temporais negativos do português, com destaque para os advérbios *nunca* e *jamais*. O foco é no português europeu, mas é também tido em conta o português brasileiro. Têm lugar central os dois contextos sintáticos em que estes adjuntos predominantemente ocorrem, a saber, posição pré-verbal, como genuínos operadores de negação (e.g., *nunca minto*), e posição pós-verbal, como expressões positivas existenciais em concordância negativa (e.g., *não minto nunca*). É também considerada, ainda que superficialmente, a sua ocorrência em contextos negativos elípticos, sem verbo. São estudadas separadamente, com algum pormenor, sequências de expressões negativas em posição pré-verbal, principalmente iniciadas por *nunca*: *nunca ninguém*, *nunca nada*, *nunca nenhum N'*. Estas sequências, que têm recebido pouca atenção na literatura, ilustram a persistência da concordância negativa pré-verbal no português contemporâneo. É ainda analisada em detalhe a ocorrência contemporânea de adjuntos temporais negativos em contextos não negativos, nomeadamente de *nunca* em construções comparativas (e.g., *melhor do que nunca*) e de *jamais* em construções superlativas (e.g., *a ponte mais comprida jamais construída*). Todas as construções discutidas são documentadas com dados de *corpora*, nomeadamente de texto jornalístico contemporâneo (CETEMPúblico, para o português europeu, e NILC/São Carlos, para o português brasileiro) e de texto literário português dos últimos 500 anos (Vercial), sendo apresentados dados de frequência para as diversas construções.

**Palavras-chave:** Negação. Adjuntos temporais negativos. Concordância negativa. Construções comparativas. Superlativos.

This paper analyses the distribution of negative temporal adjuncts in contemporary Portuguese, with a particular focus on the adverbs *nunca* and *jamais* ('never'). The focus is on European Portuguese, but Brazilian Portuguese is also taken into account. Centre stage is occupied by the two prevalent syntactic contexts for the mentioned adjuncts, namely, pre-verbal position, as genuine negation operators (e.g., *nunca minto* 'I never lie'), and post-verbal position, as positive existential negative concord items (e.g., *não minto nunca*, 'I never lie', literally 'I don't lie

---

\* Universidade de Lisboa / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. ORCID: 0000-0002-0288-2604

never’). Negative elliptical verbless contexts are also considered, although superficially. Sequences of more than one negative expression in pre-verbal position are studied separately in some detail, with focus on those introduced by *nunca*: *nunca ninguém* (literally, ‘never nobody’), *nunca nada* (literally, ‘never nothing’), *nunca nenhum N’* (literally ‘never no N’). These sequences, which have received little attention in the literature, illustrate the persistence of pre-verbal negative concord in contemporary Portuguese. Finally, two non-negative contexts where negative temporal adjuncts still occur today are analysed in some detail, viz. comparative constructions with *nunca* (e.g., *melhor do que nunca*, ‘better than ever’), and superlative constructions with *jamais* (e.g., *a ponte mais comprida jamais construída* ‘the longest bridge ever built’). All constructions are documented with corpus data, namely of contemporary newspaper text (CETEMPúblico, for European Portuguese, NILC/São Carlos, for Brazilian Portuguese) and of Portuguese literary text from the last 500 years (Vercial). Original data on the frequency of the various constructions is presented.

**Keywords:** Negation. Negative temporal adjuncts. Negative concord. Comparative constructions. Superlatives.

•

## 1. Introdução: os adjuntos temporais negativos do português

O português dispõe de um conjunto de adjuntos temporais de valor intrinsecamente negativo, entre os quais se destacam – pela sua elevadíssima frequência – os advérbios *nunca* e *jamais*. Além destes, são especialmente importantes, contemporaneamente, três outros adjuntos temporais, de forma complexa, que usam o nome hiperonímico *momento* em conjunto com *nenhum* em posição pré- ou pós-nominal ou com *algum* em posição pós-nominal: *em nenhum momento*, *em momento nenhum*, *em momento algum*. Neste trabalho, são considerados estes cinco adjuntos temporais negativos e são discutidas diferenças na sua distribuição e na sua interpretação semântica, com foco no português europeu, mas com alguma atenção também ao português brasileiro. São tidos em conta essencialmente três (ou, se quisermos, quatro) contextos: (i) construções em que os adjuntos atuam como genuínos operadores de negação (em proposições negativas em que não há operadores de negação oracional *sensu* Peres, 2013, pp. 464ss.), como {*nunca* / *jamais*} *desistimos*; (ii) construções em que os adjuntos ocorrem em concordância negativa com outro operador de negação, como *não desistimos* {*nunca* / *jamais*} ou *continuámos o caminho sem* {*nunca* / *jamais*} *desistir*; (iii) construções de grau, de dois tipos – comparativas, como *trabalhámos mais do que nunca*, e superlativas, como *esta é a torre mais alta jamais construída no nosso país*.

A Tabela 1<sup>1</sup> regista o número total de ocorrências destes cinco adjuntos e a proporção em que cada um ocorre em três *corpora* da plataforma Linguateca (<https://www.linguateca.pt/ACDC/>): CETEMPúblico (texto jornalístico português, cerca de 200 milhões de palavras), NILC/São Carlos (predominantemente texto jornalístico brasileiro, cerca de 34 milhões de palavras) e Vercial (texto literário português dos

<sup>1</sup> Pesquisas realizadas: (i) "[Nn]unca"; (ii) "[Jj]amais"; (iii) "[Ee]m" "nenhum" "momento"; (iv) "[Ee]m" "momento" "nenhum|algum". No caso das expressões complexas, foram descontados os excertos repetidos.

séculos XVI a XX, cerca de 14 milhões de palavras). O primeiro e último destes três *corpora* são usados sistematicamente ao longo do presente artigo para avaliar a frequência das diversas construções estudadas, já que o foco da análise é o português europeu. O segundo *corpus* é usado pontualmente para obter dados sobre o português brasileiro.

**Tabela 1. Ocorrência de cinco adjuntos temporais negativos nos *corpora* CETEMPúblico, NILC/São Carlos e Vercial.**

adjuntos temporais negativos	CETEMPúblico (século XX, PE)		NILC/São Carlos (século XX, PB)		Vercial (séculos XVI-XX, PE)	
	registos	prevalência	registos	prevalência	registos	prevalência
<i>nunca</i>	98.676	96,0%	8.276	79,9%	9.384	92,5%
<i>jamais</i>	3.845	3,7%	1.801	17,4%	761	7,5%
<i>em nenhum momento</i> (± MOD)	161	0,2%	215	2,1%	0	—
<i>em momento nenhum</i> (± MOD)	16	0,01%	7	0,1%	0	—
<i>em momento algum</i> (± MOD)	103	0,1%	50	0,5%	0	—
Total	102.801		10.349		10.145	

Os dois advérbios *nunca* e *jamais* representam 99,7% dos usos de advérbios temporais negativos no tipo de registo de português europeu contemporâneo documentado no CETEMPúblico, sendo *nunca* a expressão de uso mais frequente (96%).<sup>2</sup> Na literatura, destaca-se geralmente o facto de estes dois advérbios serem sinónimos e estarem essencialmente em variação livre. Raposo (2013, p. 1649), por exemplo, considera que “o advérbio *jamais* tem um significado e um uso semelhantes aos de *nunca*, mas é estilisticamente mais marcado”. Porém, como veremos adiante, cerca de 25% das ocorrências de *jamais* em português europeu são num contexto em que *nunca* não ocorre, a saber construções superlativas. A competição neste contexto é entre *jamais* e a expressão indefinida *alguma vez*, por vezes acompanhada de *já*, como em *é a maior queda do PIB* {*jamais* / \**nunca* / (*já*) *alguma vez*} *observada*, competição que será discutida na secção 4.2.<sup>3</sup> Outras diferenças distribucionais entre *nunca* e *jamais* serão também salientadas ao longo deste artigo.

<sup>2</sup> Os três adjuntos complexos com *momento*, que são relativamente frequentes em texto jornalístico contemporâneo, parecem não ocorrer em texto literário mais antigo, não havendo registo deles no *corpus* Vercial. No *corpus* Literateca (que aglutina 5 *corpora* de texto predominantemente literário, português e brasileiro), com quase 37 milhões de palavras, há apenas 4 registos, todos do século XX e de autores brasileiros: 2 de *em nenhum momento* e 2 de *em momento nenhum*.

<sup>3</sup> O operador *já* também pode ocorrer sozinho com valor afirmativo: *é a maior queda do PIB já observada*. Não terei em conta neste trabalho o uso de *já* em construções superlativas.

Além do nome hiperonímico *momento*, o único registado na Tabela 1, são por vezes usados, em adjuntos temporais negativos, outros nomes hiperonímicos, como *tempo* ou *altura*; o seu uso é, porém, pouco frequente e não os considerarei aqui autonomamente.<sup>4</sup>

Adicionalmente, são ainda usados – neste caso, com frequência elevada – adjuntos temporais negativos (com *algum* pós-nominal ou com *nenhum* pré- ou pós-nominal) com nomes mais específicos que *momento*: *dia*, *semana*, *século*, etc. (tipicamente acompanhados de um modificador) – e.g., [*em nenhum dia da semana passada*] *me atrasei*, [*em século algum da História de Portugal*] *o país esteve tão conturbado*. Por facilidade, ignorarei aqui estas expressões.

## 2. Adjuntos temporais negativos como genuínos operadores de negação em posição pré-verbal e como expressões em concordância negativa

Quando usados em contextos negativos, todos os cinco adjuntos temporais atrás referidos – como quaisquer outras expressões negativas não temporais afins do português, aliás – ocorrem predominantemente em duas configurações sintáticas que importa distinguir (A e B, abaixo), com diferenças significativas de processamento semântico.

A. Em posição pré-verbal, como único elemento semanticamente negativo da frase, funcionando, pois, como **genuínos operadores negativos** (NEG), ilustrativos de negação existencial de classe, na classificação de Peres (2013):<sup>5</sup>

- (1) **Nunca**<sub>NEG</sub> faltei.
- (2) **Jamais**<sub>NEG</sub> me esquecerei.
- (3) [**Em nenhum**<sub>NEG</sub> **momento**] hesitei.
- (4) [**Em momento** {**nenhum**<sub>NEG</sub> / **algum**<sub>NEG</sub>}] hesitei.

Note-se que nestas construções não há um operador de negação oracional (*não*), nem este pode ser realizado explicitamente. Em fases anteriores da língua, isso não era assim. Os sujeitos – e alguns adjuntos pré-verbais – de frases com operadores negativos oracionais (*nom*, *não*) podiam ter forma negativa (cf. Martins, 1997; Marquilhas, 2013)<sup>6</sup>, sendo

<sup>4</sup> No CETEMPúblico, encontraram-se apenas 18 registos relevantes com os nomes *altura* e *tempo*: 10 de *em nenhuma altura*, 1 de *em altura nenhuma*, 2 de *em altura alguma* e 5 de *em tempo algum* (não acompanhado de *nunca* ou *jamais*). Exemplos: “Os dirigentes de ambos os partidos dizem que **em nenhuma altura** se pôs em causa a integridade do território.” (ext518460-pol-94a-2); (ii) “António Guterres (...) não só anunciou que **em tempo algum** se encontrará com o líder cubano como lhe fez críticas ferozes.” (ext650132-opi-97a-2).

<sup>5</sup> Tem-se discutido muito na literatura qual o estatuto quantificacional das expressões negativas em construções do tipo de (1) a (4), uma questão em que aqui não me deterei. Peres (1997, 2000), por exemplo, defende que as expressões negativas que ocorrem em posição pré-verbal como genuínos operadores negativos podem ser analisadas como indefinidos, associados a um operador de negação implícito (possivelmente, nelas incorporado). A possibilidade de combiná-las com expressões como *mais* (e.g., *mais ninguém falou*) ou *em particular* é um forte argumento linguístico a favor desta hipótese. Independentemente da análise, no contexto em causa, estas expressões são “negation inducers”, ou “conveyers of negation” (Peres 2000, pp. 178–179), ao contrário do que acontece quando ocorrem em concordância negativa em posição pós-verbal.

<sup>6</sup> Vejam-se exemplos com sujeitos em concordância negativa pré-verbal: *nada nom sabedes de sua linhagem* (*Demanda do Santo Graal*, sécs. XIII-XIV, citado por Marquilhas, 2013, p. 39); *nenhũa cousa*

verosimilmente analisados como expressões em concordância negativa pré-verbal. No caso dos adjuntos temporais, essa possibilidade estava disponível para *jamais* – confronte-se, por exemplo, *jamais nom foy em aquella terra vista* –, mas aparentemente não para *nunca*, como sublinha Martins (1997, p. 203, n. 12). Dado que estas construções caíram em desuso e são atualmente agramaticais, ignorá-las-ei doravante.

B. Em posição pós-verbal, como elementos em **concordância negativa** (CN) com outros elementos negativos da frase que os precedem (*e.g.*, *não*, *sem*, *ninguém*, *nada*, *nenhum* N'), isto é, sem terem eles próprios valor semântico negativo:<sup>7</sup>

- (5) Não<sub>NEG</sub> faltei nunca<sub>CN</sub>.
- (6) Não<sub>NEG</sub> me esquecerei jamais<sub>CN</sub>.
- (7) Não<sub>NEG</sub> hesitei [em nenhum momento<sub>CN</sub>].
- (8) Não<sub>NEG</sub> hesitei [em momento {nenhum<sub>CN</sub> / algum<sub>CN</sub>}].

As frases com concordância negativa (5) a (8) são semanticamente equivalentes às suas contrapartidas em (1) a (4). A análise predominante na literatura é que os adjuntos em causa não têm aqui um valor semântico negativo, antes são expressões positivas com valor existencial, possuindo valor negativo apenas o operador negativo que os legitima (ou, noutros termos, o operador com que eles “concordam”), que nestes exemplos é *não* – consulte-se, por exemplo, Peres (2013, pp. 489–492).

Semanticamente, em todas estas frases, (1) a (8), nega-se que exista um intervalo temporal (do tipo relevante) em que se verifique a predicação expressa na frase. Se representarmos a situação identificada pela predicação positiva subjacente por *ev* e o intervalo afetado pela preposição negativa (isto é, em que se afirma que uma dada situação não se verifica) por  $t_{LOC}$ , as condições interpretativas associadas a estas frases são:

- (9)  $\neg \exists t [[t \subseteq t_{LOC}] \wedge [ev \circ t]]$

Note-se que o intervalo de localização ( $t_{LOC}$ ) pode ser – e quase sempre é – restringido. Nos casos simples acima, em que não há adjuntos temporais extra, a restrição é feita essencialmente pelo tempo verbal: o intervalo será anterior ou subsequente ao ponto de perspetiva temporal da frase (*e.g.*, o momento da enunciação), consoante a forma verbal usada – contraste-se, por exemplo, (1), com pretérito perfeito simples, em que a negação afeta apenas o passado da enunciação (isto é,  $t_{LOC}$  é o intervalo contínuo tal que  $[t_{LOC} \supset \subset n]$ ), com (2), com futuro imperfeito, em que a negação afeta apenas o futuro da enunciação (isto é,  $t_{LOC}$  é o intervalo contínuo tal que  $[n \supset \subset t_{LOC}]$ ). É muito frequente

---

que os homens por sua vontade tomão **não** lhes deve ser grave de sofrer (*Crónica Troiana*, séc. XVI, citado por Marquilhas, 2013, p. 39); o poder de **nenhum** homem (...) **não** virá a cabo dela nunca (Almeida Garrett, *Doutrinas de Estética Literária*, séc. XIX, citado por Martins, 1997, p. 194). Este último exemplo ilustra a persistência da construção até épocas recentes, em certos registos. É possível que a construção tenha subsistido dialetalmente em tempos modernos (*cf.* observações em Martins, 1997, p. 205, n. 33).

<sup>7</sup> Usarei aqui a designação “concordância negativa” (correspondente à expressão inglesa “negative concord” – *cf.* Labov, 1972), em vez da designação “dupla negação”, que se usa com o mesmo sentido em certas tradições de análise gramatical (*cf.* Martins, 1997, p. 202, n. 2).

ainda, nas frases com *nunca* ou outros adjuntos negativos, haver outros adjuntos temporais explícitos que restringem o intervalo de localização – vejam-se (10) e (11); assim, *nunca* e afins acabam por remeter quase sempre para uma parcela (ainda que extensa) do eixo do tempo e não para todo o eixo do tempo:

- (10) “(...) [os morcegos-de-nathusius] **nunca** foram observados na natureza *neste século* (...).”  
(CETEMPúblico, ext1215692-soc-97a-1)
- (11) “Hoje será curioso saber que **nunca**, *entre 1991 e o final de 1994*, Cavaco Silva hesitou nessa intenção (...).”  
(CETEMPúblico, ext1373447-pol-95a-1)

Os adjuntos temporais negativos ocorrem nas duas posições acima referidas (A, B) tipicamente em **variação livre**, sujeita a considerações de natureza estilística. Adiante, farei algumas considerações sobre a frequência relativa destes operadores nas duas posições, usando dados de *corpora* de texto jornalístico.

É de salientar que os próprios adjuntos temporais negativos, como operadores de negação existencial de classe que são, podem legitimar concordância negativa de outras expressões em posição pós-verbal (por vezes através de fronteiras frásicas, como em (13)):

- (12) **Nunca**<sub>NEG</sub> disse *nada*<sub>CN</sub> a *ninguém*<sub>CN</sub> sobre esse assunto.
- (13) **Nunca**<sub>NEG</sub> foi minha intenção prejudicar *ninguém*<sub>CN</sub>.

Neste trabalho, interessa-me destacar duas outras configurações sintáticas – envolvendo a ocorrência de adjuntos temporais negativos em posição pré-verbal – que, tanto quanto sei, não têm sido muito exploradas na literatura:

(i) uso de adjuntos temporais negativos como genuínos operadores negativos, mas a legitimar concordância negativa em **posição pré-verbal**:

- (14) **Nunca**<sub>NEG</sub> **ninguém**<sub>CN</sub> o *acusou*.
- (15) **Nunca**<sub>NEG</sub> **nada**<sub>CN</sub> lhe *importa*.

(ii) uso de adjuntos temporais negativos como elementos em concordância negativa, mas em **posição pré-verbal** (uma construção, aparentemente, de aceitação não consensual entre os falantes)

- (16) **Ninguém**<sub>NEG</sub> **nunca**<sub>CN</sub> *aceitaria* essa proposta.

Note-se que, como referi acima, a **concordância negativa pré-verbal** é excepcional no português contemporâneo, ainda que não o fosse em fases anteriores da língua. Com efeito, a concordância negativa é um fenómeno que afeta prototipicamente apenas constituintes em posição pós-verbal, ainda que importe atender a casos como os seguintes três, em que um elemento em concordância negativa pode regularmente ocupar a posição pré-verbal de sujeito:

- (i) concordância negativa legitimada por *sem* – *sáimos sem<sub>NEG</sub> ninguém<sub>CN</sub> dar por isso, sáimos sem<sub>NEG</sub> que ninguém<sub>CN</sub> visse* (cf. e.g., Peres, 1997, pp. 294–296; 2000, p. 176);
- (ii) concordância negativa legitimada pela primeira oração negativa num contexto de negação oracional de coordenação (introduzida por *nem*) – *eu não<sub>NEG</sub> pedi ajuda nem ninguém<sub>CN</sub> se ofereceu para me ajudar*;
- (iii) concordância negativa transfrásica – *sai daí, não<sub>NEG</sub> quero que ninguém<sub>CN</sub> me atrapalhe!* (cf. e.g., Peres, 1994, p. 446ss.; 2000, p. 185ss; 2013, p. 492).

Há ainda que considerar casos em que há concordância negativa e não há verbo, pelo que não se pode falar em posição pré- ou pós-verbal (situações que não costumam ser destacadas na literatura). Por exemplo:

- (i) na dependência da preposição *sem*, ocorrendo a concordância dentro do seu complemento nominal – *fiz isto sem<sub>NEG</sub> [SN a ajuda de ninguém<sub>CN</sub>]*.
- (ii) em estruturas elípticas, como

- (17) “Do lado portista, o dia foi calmo (...). Tranquilidade absoluta, **nenhuma<sub>NEG</sub>** hostilidade da parte de **ninguém<sub>CN</sub>**, uma paz realmente sem mácula.”  
(CETEMPúblico, ext952-des-92a-1)

No entanto, como ilustrado em (14) a (16), observa-se contemporaneamente concordância negativa em certas sequências de elementos negativos, em que o primeiro elemento negativo leva os restantes (em posição pré-verbal) a assumir uma forma negativa sem o correspondente valor semântico negativo. Estas construções serão analisadas de forma pormenorizada, com recurso a dados dos *corpora* CETEMPúblico e Vercial (e quantificação do número de ocorrências), na secção 3.

Para terminar esta secção introdutória, consideremos a questão da prevalência de adjuntos temporais negativos nos seus dois contextos sintáticos predominantes, NEG e CN, com recurso a dados de *corpora* de texto jornalístico contemporâneo, português e brasileiro. Tanto quanto sei, as taxas de frequência destas expressões nos diferentes contextos ainda não foram discutidas na literatura.

Fiz um pequeno exercício para apurar a frequência relativa dos cinco adjuntos temporais negativos nas duas posições/funções em causa (NEG e CN). Para tal, selecionei um conjunto de registos relevantes do CETEMPúblico (PE) e do NILC/São Carlos (PB), considerando apenas aqueles em que está presente uma forma verbal, para que ambas as construções sejam teoricamente possíveis, e contei quantos deles envolviam genuína negação e quantos concordância negativa. Para *nunca* e *jamais*, selecionei os primeiros 250 registos do tipo relevante; para as restantes três formas, considereei a totalidade dos registos relevantes, que são em número inferior a 250. Os resultados estão na Tabela 2.

**Tabela 2. Proporção de adjuntos temporais negativos como genuínos operadores negativos vs. como elementos em concordância negativa em texto jornalístico português (CETEMPúblico, PE) e brasileiro (NILC/São Carlos, PB).**

		registos analisados	NEG	CN	legitimadores da CN	
					<i>não, n-words</i>	<i>sem</i>
<i>nunca</i>	PE	250	241 [96%]	9 [4%]	5	4
	PB	250	242 [97%]	8 [3%]	6	2
<i>jamais</i>	PE	250	225 [90%]	25 [10%]	20	5
	PB	250	217 [87%]	33 [13%]	24	9
<i>em nenhum momento</i>	PE	157	125 [78%]	32 [22%]	29	3
	PB	213	179 [84%]	34 [16%]	31	3
<i>em momento nenhum</i>	PE	16	12 [75%]	4 [25%]	4	0
	PB	7	5 [71%]	2 [29%]	2	0
<i>em momento algum</i>	PE	97	63 [65%]	34 [35%]	31	3
	PB	48	28 [58%]	20 [42%]	17	3

Observa-se que os adjuntos temporais negativos ocorrem com elevadíssima frequência em posição pré-verbal como genuínos operadores negativos, muito mais que em concordância negativa, pelo menos em texto jornalístico. No *corpus* CETEMPúblico, a ocorrência de adjuntos temporais negativos nessa posição e com essa função é maioritária para todos os cinco adjuntos considerados neste trabalho: maximamente (96%) no caso de *nunca* e minimamente (65%) no caso de *em momento algum*. No *corpus* NILC/São Carlos, a prevalência é muito semelhante; com efeito, não parece haver diferenças significativas entre PE e PB no que respeita à distribuição de qualquer um destes cinco adjuntos pelas construções NEG e CN. Assim, em texto jornalístico, tanto português como brasileiro, são mais comuns construções como *o ministro nunca mentiu* do que *o ministro não mentiu nunca*. Porventura, na oralidade a prevalência da concordância negativa é mais elevada, mas seriam necessários estudos para fazer uma quantificação desta apreciação intuitiva.

Impõe-se aqui uma breve nota sobre a ocorrência de adjuntos temporais negativos em contextos genuinamente negativos, mas sem a presença de verbo, no que poderíamos genericamente referir como **estruturas proposicionais sem verbo**. Com exceção de estruturas como (17), na maioria dos casos em que não há verbo, não há competição entre as duas construções (NEG e CN), pelo que optei por não as inserir na Tabela 2 (mas, a inseri-las, eles iriam engrossar essencialmente o contingente da primeira coluna, já que o adjunto negativo é tipicamente o único elemento negativo presente).

Os adjuntos temporais negativos ocorrem com alguma frequência em estruturas proposicionais sem verbo (c. de 8% das ocorrências totais, no CETEMPúblico, e 10% no NILC/São Carlos). Nos excertos lidos para se obterem os 250 registos de *nunca* e *jamais* relevantes para a Tabela 2, há 17+22 registos de *nunca* (CETEMPúblico+NILC/São Carlos, respetivamente) e 22+29 de *jamais* (também CETEMPúblico+NILC/São Carlos,

respetivamente) que podem ser incluídos nesta macroclasse de proposições “averbais”. Eis alguns exemplos do CETEMPúblico de subtipos variados:

- (18) “Os analistas crêem (...) que a British Aerospace apresentará uma nova oferta de compra (...), **nunca** inferior a 25 libras por ação (...).”  
(CETEMPúblico, ext422333-eco-95a-1)
- (19) “Em 1973, (...) João Vasco e Madeira Rodrigues variadas vezes (...) perseguiram [esse feito], mas **nunca** com êxito.”  
(CETEMPúblico, ext391823-des-98a-1)
- (20) “A regionalização tem de significar (...) uma maior produção de riqueza. **Jamais** uma miragem distributiva da riqueza que ninguém se preocupa em gerar.”  
(CETEMPúblico, ext25791-opi-96b-1)

### **Excursus. Expressões nominais *ninguém* e *nada* como genuínos operadores de negação em posição pré-verbal e como expressões em concordância negativa**

A proporção de ocorrências de adjuntos temporais negativos em NEG ou em CN, documentada na Tabela 2, não é exatamente paralela à das expressões negativas não temporais (*e.g.*, *ninguém*, *nada*, *nenhum* N'), pelo menos em português europeu.<sup>8</sup> Trata-se de uma questão complexa, que não é central para as questões deste trabalho (embora tenha relevância para alguns aspetos discutidos em 3.1), mas sobre a qual deixo algumas informações neste pequeno *excursus*.

Para comparação com os dados da Tabela 2, analisei os primeiros 350 excertos do CETEMPúblico com *ninguém* e os primeiros 350 com *nada*. Observa-se que a distribuição destas duas expressões negativas pelas construções NEG e CN depende crucialmente da função sintática que lhes está associada, como indicado na Tabela 3<sup>9</sup> adiante. Mais concretamente:

- na função de **sujeito**, a construção de concordância negativa é muito minoritária (6-7%), tanto para *ninguém* como para *nada*;
- na função de **complemento direto**, a construção de concordância negativa é maioritária, mas com expressão significativamente distinta para *ninguém* (100%) e *nada* (83%); não encontrei nem no CETEMPúblico nem no Vercial qualquer exemplo de construções com *ninguém* como genuíno operador negativo associado a complemento direto anteposto – *e.g.*, ***ninguém***<sub>NEG</sub> (*eles*) *nomearam*; neste caso, só ocorre a construção de concordância negativa – (*eles*) ***não*** *nomearam* ***ninguém***<sub>CN</sub>; em relação a esta questão, *nada* contrasta claramente com *ninguém* (um aspeto que ainda não vi salientado na literatura); com *nada*, há centenas de ocorrências como complemento direto em posição pré-verbal como

<sup>8</sup> Não procurei apurar se a distribuição em português brasileiro é semelhante ou não à distribuição em português europeu, no que respeita às construções discutidas neste *excursus*.

<sup>9</sup> Tabela construída tendo em conta a leitura das primeiras 350 ocorrências de cada uma das duas expressões negativas em causa (e ignorando as ocorrências irrelevantes, *e.g.*, de *nada* como quantificador – *cf. e.g.*, *ele não é nada modesto* – ou como reforço da negação – *cf. e.g.*, *ele não fez nada disso*).

genuíno operador negativo – e.g., *nada*<sub>NEG</sub> *fizeram para resolver o problema* (a par de *não fizeram nada*<sub>CN</sub> *para resolver o problema*)<sup>10</sup>;

– na função de **complemento preposicionado** ou de **adjunto (preposicionado)**, a construção de concordância negativa também é maioritária e com expressão distinta para *ninguém* (97%) e *nada* (67%); nos 700 excertos analisados, há apenas 1 com *ninguém* preposicionado sem concordância negativa: “(...) **a ninguém** passou despercebida esta aposta-surpresa (...)” (CETEMPúblico, ext5859-soc-94a-3) e 8 de *nada* nas mesmas condições sintáticas: “E a Portugal **de nada** serviu a experiência do Alvor (...)” (CETEMPúblico, ext7318-nd-93b-1).

**Tabela 3. Proporção de ocorrência de *ninguém* e *nada* como genuínos operadores negativos vs. como elementos em concordância negativa em texto jornalístico português (CETEMPúblico).**

		registos relevantes	NEG		CN	
<i>ninguém</i> (± MOD)	sujeito	279	264	94%	15	6%
	complemento direto	36	0	0%	36	100%
	complemento preposicionado ou adjunto	34	1	3%	33	97%
<i>nada</i> (± MOD)	sujeito	80	74	93%	6	7%
	complemento direto	113	19	17%	94	83%
	complemento preposicionado ou adjunto	24	8	33%	16	67%

### 3. Adjuntos negativos em sequências pré-verbais

Como referi anteriormente, é possível usar, em português, sequências de adjuntos negativos em posição pré-verbal, com apenas um deles (o primeiro) a ter interpretação semântica negativa, estando os restantes em concordância negativa. Interessam-me aqui especialmente os casos em que um dos elementos da sequência é um adjunto temporal negativo: o primeiro elemento, nas construções discutidas em 3.1, ou o segundo elemento, nas construções discutidas em 3.2. Estas construções não têm merecido, tanto quanto sei, muita atenção na literatura.<sup>11</sup> Não incluirei aqui dados sistemáticos sobre o português brasileiro, mas a observação de *corpora* como o NILC/São Carlos e o Corpus Brasileiro (da Linguatca) parece indicar que todas as construções discutidas nesta secção, em 3.1.

<sup>10</sup> Por exemplo, a pesquisa “[Nn]ada” [pos=“V” & temcagr=“PR\_IND|IMPF\_IND|PS\_IND|FUT\_IND” & pessnum=“1S|2S|P”] gera mais de 250 registos do tipo relevante, enquanto a pesquisa paralela com *ninguém* não gera um único registo relevante.

<sup>11</sup> Matos (1999, p. 188) refere exemplos do tipo tratado em 3.1, em português – *nunca ninguém disse isso* – e do tipo tratado em 3.2, em italiano – *nessun mai mi aveva parlato così* (cf., *ninguém nunca/jamais me tinha falado assim*), considerando que são casos em que operou “absorção da negação” entre dois constituintes negativos pré-verbais. A absorção da negação é o conceito que a autora utiliza para dar conta das estruturas com concordância negativa: “Negative Absorption [is] an LF operation that converts multiple instances of negation into a single complex negative element” (p. 177).

e em 3.2, também são usadas em PB, mas as referidas em 3.1 são-no aparentemente em menor quantidade que em PE.<sup>12</sup>

### 3.1. Adjuntos temporais negativos como licenciadores de concordância negativa pré-verbal

Os exemplos (21) a (25) abaixo ilustram uma construção interessante, relativamente comum em português, que envolve sequências de pelo menos duas expressões negativas em posição pré-verbal, sendo a primeira delas um adjunto temporal negativo – tipicamente, *nunca* – com o qual as expressões negativas subsequentes – ainda que em posição pré-verbal – entram em concordância negativa. Estas construções demonstram que o fenómeno da concordância negativa não afeta contemporaneamente apenas o domínio pós-verbal (que é o que normalmente se destaca quando se caracteriza genericamente o fenómeno da concordância negativa na literatura<sup>13</sup>).

- (21) **Nunca**<sub>NEG</sub> **ninguém**<sub>CN</sub> o *acusou* (de **nada**<sub>CN</sub>).
- (22) **Nunca**<sub>NEG</sub> **nada**<sub>CN</sub> o *satisfaz*.
- (23) **Nunca**<sub>NEG</sub> [**nenhum**<sub>CN</sub> político] *se sentiu* tão acarinhado.
- (24) **Nunca**<sub>NEG</sub> [**nenhum**<sub>CN</sub> deputado **ou** ministro] *cumpr*e integralmente aquilo que promete.
- (25) **Nunca** [**nada**<sub>CN</sub> **nem**<sub>CN</sub> **ninguém**<sub>CN</sub>] o *satisfaz*.

Estas sequências podem elas próprias ocorrer em concordância negativa pré-verbal sob escopo dos operadores negativos *sem* ou *nem*, uma construção que aqui não nos interessa:

- (26) Já fiz isto muitas vezes **sem** [**nunca**<sub>CN</sub> **ninguém**<sub>CN</sub> *se magoar*].
- (27) Já fiz isto muitas vezes **sem** que [**nunca**<sub>CN</sub> **ninguém**<sub>CN</sub> *se magoasse*].
- (28) Eu não me magooei, **nem** [**nunca**<sub>CN</sub> **ninguém**<sub>CN</sub> *se magoou*].

Observemos exemplos destas sequências nos *corpora* CETEMPúblico e Vercial, que mostram – interessantemente – que elas ocorrem quase exclusivamente com *nunca* (A abaixo), sendo muito infrequentes com os outros adjuntos temporais negativos (B e C adiante).

#### A. Construções com *nunca*: *nunca ninguém*, *nunca nada* e afins<sup>14</sup>

Importa distinguir a função sintática a que o segundo elemento (após *nunca*), sozinho ou acompanhado de modificadores, precedido ou não de preposição, está associado: destaca-

<sup>12</sup> Por exemplo, da construção *nunca ninguém* + SV, de que há mais de 1100 registos no CETEMPúblico, há menos de 20 registos no NILC/São Carlos e menos de 350 no Corpus Brasileiro (que inclui mais de 1.000.000.000 de palavras). Nas construções discutidas na secção 3.2 (*ninguém nunca*, *ninguém jamais*, etc.), não se observam diferenças de frequência muito acentuadas entre o CETEMPúblico e o NILC/São Carlos, mas não tento fazer aqui uma quantificação.

<sup>13</sup> Veja-se, por exemplo, Peres (2013, p. 489, negrito meu): “No português atual, a concordância negativa caracteriza-se pela ocorrência de um constituinte negativo nas seguintes condições: (i) colocado em **posição pós-verbal**, (...) e (iii) sem veicular qualquer valor negativo.”

<sup>14</sup> Pesquisas realizadas: (i) "[Nn]unca" [] {0,1} "ninguém"; (ii) "[Nn]unca" [] {0,1} "nada"; (iii) "[Nn]unca" [] {0,1} "nenhu.\*"; (iv) "[Nn]unca" [] {0,1} [pos="N"] [] {0,3} "nenhu.\*|algu.\*".

se em primeiro lugar a função de sujeito, de longe a mais comum; segue-se a função de adjunto preposicionado – ou mais raramente complemento preposicionado –, que é infrequente, mas tem alguns registos; finalmente, a função de complemento direto, que é muito rara nestas combinações (o que é expectável numa língua SVO). Esta distribuição está em linha com o observado no *excursus* acima. Há ainda construções elípticas, sem verbo, que não considerarei aqui (mas que, em todo o caso, não são muito numerosas), como *feriu-se algumas vezes, mas nunca nada de grave*. Vejamos cada caso.

#### A1. *nunca* + SN<sub>sujeito</sub>

A combinação *nunca ninguém* com *ninguém* (sozinho ou modificado)<sup>15</sup> em posição pr-verbal associado à função de sujeito é de longe a mais frequente de todas as que aqui consideraremos, com cerca de 1127 registos no CETEMPúblico<sup>16</sup> e 68 no Vercial.

- (29) “**Nunca ninguém** nos perguntou se precisávamos de alguma coisa.”  
(CETEMPúblico, ext202874-soc-92a-2)
- (30) “A ciência faz-se em casa e de chinelas... **Nunca ninguém** descobriu uma lei do Universo metido dentro de um dominó...”  
(Eça de Queirós, *Os Maias*, in Vercial)

As outras combinações, com o elemento a seguir a *nunca* associado à função de sujeito, têm o seguinte número de registos, no CETEMPúblico e no Vercial, respetivamente: 51+2 *nunca nada*, 3+0 *nunca nada nem ninguém*, 218+6 *nunca nenhum N'*, 2+1 de *nunca N' nenhum*, 8+4 de *nunca N' algum*.<sup>17</sup> Seguem-se alguns exemplos, em diferentes tipos de registos:

- (31) “Comemos ali, entre todos, uns trinta melões; e apesar de medíocres, creio que **nunca nada** na vida me soube tão deliciosamente.”  
(Eça de Queirós, *As Minas de Salomão*, in Vercial)
- (32) “(...) **nunca nada nem ninguém** conseguiu beliscar a amizade fraterna (...) entre estes dois homens.”  
(CETEMPúblico, ext74930-des-96b-2)

<sup>15</sup> Vejam-se três exemplos de *ninguém* modificado por SAs, SPs ou orações relativas restritivas, respetivamente: “Nunca ninguém *famoso* nasceu aqui.” (CETEMPúblico, ext409412-clt-94a-1); “Nunca ninguém *do movimento olímpico* teve coragem de falar comigo (...).” (CETEMPúblico, ext227529-des-92b-1); “Nunca ninguém *que se comprometeu numa luta* (...) fica plenamente satisfeito com os resultados.” (CETEMPúblico, ext356287-nd-91b-1).

<sup>16</sup> A pesquisa de *nunca ninguém* adjacente no CETEMPúblico dá 1057 resultados; nas primeiras 200 ocorrências, 195 (97,5%) são do tipo relevante; uma aplicação desta percentagem ao total de 1057 resultados dá uma estimativa de 1031 ocorrências totais, que somadas às 70 ocorrências de *nunca ninguém* não adjacente (na sequência *nunca mais ninguém*) dá 1127 ocorrências totais.

<sup>17</sup> Por simplificação, [*nenhum N'*] é aqui usado quer para sintagmas com a forma [*nenhum N'*] propriamente dita quer para os seus equivalentes [*nenhum de DEF N'*] (em estruturas partitivas). Por simplificação também, é usada a forma [*N' algum*], em vez de [*N algum ± MOD*]; com efeito, como sublinha, por exemplo, Martins (2015), *algum* negativo é estritamente adjacente a nomes nucleares, mas pode haver modificadores posteriores (e.g., *país algum da Europa Ocidental se pode considerar a salvo*), que, em termos de interpretação composicional, se aplicam a N antes de *algum* operar.

- (33) “**Nunca nenhuma** equipa portuguesa ganhou 16 pontos na Liga dos Campeões.”  
(CETEMPúblico, ext568431-des-96b-1)
- (34) “(...) [Hillary Clinton] disse algo que **nunca** Presidente **algum** dos Estados Unidos ousou dizer.”  
(CETEMPúblico, ext1394823-pol-98a-2)

### A2. *nunca* + SN<sub>complemento direto</sub>

É uma combinação rara, com ordem não básica OV, de que só encontrei 4 registos, todos no CETEMPúblico (não havendo registos no Vercial). Em todos eles, *nada* é o segundo elemento negativo e a sequência está integrada numa oração relativa restritiva (em dois casos com antecedente expresse, como em (35), e nos outros dois casos sem antecedente expresse, como em (36)):

- (35) “Sugeri logo a amnistia, (...) que **nunca nada** resolveu, mas que agora vai servir para muita coisa.”  
(CETEMPúblico, ext1043539-nd-94a-1)
- (36) “‘Só quem **nunca nada** fez nada pode rezear’, insistiu Pinochet.”  
(CETEMPúblico, ext1276452-pol-93b-1)

### A3. *nunca* + SP<sub>adjunto/complemento</sub>

O segundo elemento da sequência de expressões negativas também está, com alguma frequência, associado à função de complemento preposicionado ou – mais comumente – adjunto preposicionado, casos em que a sequência tem a forma: *nunca* [SP P {*ninguém* / *nada* / *nenhum* N' / N' *nenhum* / N' *algum*}]. Com complementos preposicionados pré-verbais, encontrei apenas 3 registos, 2 no CETEMPúblico e 1 no Vercial – vejam-se (37) e (38). Com adjuntos pré-verbais, encontrei 10 registos no CETEMPúblico e 4 no Vercial – vejam-se (39) e (40).

- (37) “**Nunca a nenhum** outro peregrino foi reservada uma recepção tão festiva.”  
(CETEMPúblico, ext1243481-pol-93a-2)
- (38) “**Nunca a ninguém** falei nela (...)”  
(Antero de Quental, *Tesouro Poético da Infância*, in Vercial)
- (39) “**Nunca em** parte **alguma** do texto (...) é dito, pelo seu autor, que teve (...) qualquer contacto comigo (...)”  
(CETEMPúblico, ext109574-opi-97b-1)
- (40) “(...) não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e **nunca em nenhum** recontro foi ferido nem derribado.”  
(Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, in Vercial)

Os quatro exemplos do CETEMPúblico abaixo mostram, adicionalmente, que o comportamento gramatical das sequências negativas em análise está em linha com o da expressão isolada *nunca*. Por exemplo: podem coocorrer com elementos em concordância negativa pós-verbal, como em (41), podem combinar-se com o verbo negativo *deixar*

(*de*),<sup>18</sup> como em (42), podem ser precedidas na frase por outros elementos topicalizados ou antepostos, como em (43), e podem associar-se a adjuntos temporais que restringem o intervalo de localização, como em (44):

- (41) “**Nunca ninguém** viu *nada*, mas o mito persiste.”  
(CETEMPúblico, ext87012-soc-96b-1)
- (42) “(...) **nunca ninguém** deixou de estudar nesta casa por não poder pagar.”  
(CETEMPúblico, ext278741-soc-93a-2)
- (43) “*Da mãe de Ana* **nunca nada** se soube (...)”  
(CETEMPúblico, ext476448-soc-96b-2)
- (44) “**Nunca ninguém** me ouviu falar, *nessa época*, nesses dois territórios (...)”  
(CETEMPúblico, ext1004073-clt-94a-1)

Adicionalmente, encontram-se nos *corpora* algumas construções curiosas, de que deixo aqui registo, merecendo possivelmente algumas delas uma análise mais aturada, que remeto para investigação posterior:

(i) combinação com ***jamais redundante***; há apenas 2 registos no CETEMPúblico e 1 no Vercial (repetido no CETEMPúblico):<sup>19</sup>

- (45) “(...) a posição dos ‘Panteras Negras’ era a de que **nunca nenhum negro** foi ***jamais*** julgado pelos seus pares na América ou teve sequer um julgamento imparcial.”  
(CETEMPúblico, ext138303-clt-95b-1)
- (46) “Colocado ao lado de sua mãe, (...) **nunca homem nenhum** teve ***jamais*** vontade de cuspir, por troça ou por doença, por má-criação ou por gosma.”  
(Ramalho Ortigão, *As Farpas*, in Vercial + CETEMPúblico, ext534560-nd-91b-1)

(ii) ***coordenação dentro do N'*** em estruturas com *nenhum*; há 7 registos no CETEMPúblico (e nenhum no Vercial), maioritariamente usando a forma não negativa no elemento coordenativo, *ou* (6 casos) – veja-se (47); por vezes, é usada a forma concordante *nem* (1 caso), formando uma estrutura mais complexa, com dois elementos em concordância negativa pré-verbal – veja-se (48); estes exemplos documentam a hesitação dos falantes na aplicação da concordância negativa ao conector coordenativo:<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Peres (2013, p. 479) considera que a combinação de operadores negativos oracionais (*não*, *sem*) com o verbo negativo *deixar* (*de*) forma construções que se podem apelidar de “dupla negação”. O exemplo (42) documenta uma construção certamente afim, ainda que não envolva um operador de negação oracional *stricto sensu* (cf. exemplo comparável com *nenhum*, em Peres (2013, p. 469): *nenhum doente deixará de ser atendido por não estar inscrito na consulta*).

<sup>19</sup> Ana Maria Martins (c.p.) fez-me notar que estas combinações eram mais comuns no português medieval, havendo na *Demanda do Santo Graal* duas ocorrências de *nunca jamais/ja mais* e nove de *jamais/ja mais nunca* (todas em posição pré-verbal), e ainda uma ocorrência de *ja mais nunca nom* pré-verbal, embora *nunca*, só por si, nunca ocorra seguido de *nom*:

(i) “ca se Calogrenac matasse seu irmão ante elle **nunca jamais** seria ledó”  
(ii) “Entam se desarmou e deitou suas armas alonge e jurou que **ja mais nunca** trouxesse armas”  
(iii) “E se o fezesse, **ja mais nunca nom** acharia outra tam fremosa; esto sabia el bem”

<sup>20</sup> Peres (2013, p. 479) refere a possibilidade de analisar a conjunção coordenativa negativa *nem* como “a forma assumida pelo operador de disjunção (*ou*) num processo de concordância negativa”. Esta observação respeita à coordenação de frases, não de SNs, mas pode adaptar-se a esta também.

- (47) “(...) aqui (...) **nunca nenhum**<sub>CN</sub> partido **ou** primeiro-ministro obteve uma maioria.”  
(CETEMPúblico, ext717863-nd-96a-1)
- (48) “**Nunca nenhum**<sub>CN</sub> ministro **nem**<sub>CN</sub> secretário de Estado se bateu pelo aumento do orçamento.”  
(CETEMPúblico, ext828937-clt-95a-2)

(iii) presença de múltiplos elementos nominais em posição pré-verbal em concordância negativa com *nunca* (além do elemento coordenativo, já ilustrado em (48)); há apenas 1 registo da construção no CETEMPúblico (e nenhum no Vercial), que apesar de complexa parece plenamente gramatical:

- (49) “**Nunca** governo **nenhum**<sub>CN</sub> **nem**<sub>CN</sub> **ninguém**<sub>CN</sub> externo à empresa interveio na Alcampo (...).”  
(CETEMPúblico, ext1372415-nd-94b-1)

(iv) concordância negativa a afetar múltiplos constituintes em coordenação (assindética) pré-verbal; há 2 registos no CETEMPúblico (e nenhum no Vercial):

- (50) “(...) estando junto dele **nunca nenhuma**<sub>CN</sub> coisa má, **nenhuma**<sub>CN</sub> coisa triste, **nenhuma**<sub>CN</sub> coisa reles me poderia acontecer (...).”  
(CETEMPúblico, ext810645-nd-95b-2)

Conjuntamente, estes exemplos mostram que todo o domínio sintático após o advérbio *nunca* inicial (incluindo a possivelmente extensa e complexa estrutura pré-verbal da frase) é um domínio de atuação da concordância negativa (com possível – e curiosa – opcionalidade, no caso dos elementos coordenativos).

### **B. Construções com *jamais*: *jamais ninguém*, *jamais nada* e afins**

Pesquisas paralelas às realizadas para *nunca* (cf. n. 14) foram também realizadas com *jamais*. Revelam uma importante diferença na distribuição dos dois principais advérbios temporais negativos do português (*nunca* e *jamais*), na medida em que *jamais* praticamente não ocorre nas combinações em causa. Com efeito, não há um único registo das sequências *jamais ninguém*, *jamais nada*, *jamais nenhum* N' ou *jamais* N' *nenhum* nem no CETEMPúblico nem no Vercial. Há, apenas 2 registos de *jamais* N' *algum* (ambos com N' *algum* como sujeito da frase), no CETEMPúblico:<sup>21</sup>

- (51) “Em abono da ciência pode-se dizer que **jamais clérigo algum** foi queimado vivo por negar o movimento da terra.”  
(CETEMPúblico, ext1453849-clt-94a-1)

<sup>21</sup> Há ainda um exemplo com a construção redundante *jamais em tempo algum* pré-verbal: “(...) a nossa segurança está aqui com funções meramente preventivas e, **jamais em tempo algum**, se propõe punir os que provocam desastros.” (ext1147018-soc-93a-1)

### C. Construções com *nenhum* e *algum*:

#### *em nenhum momento ninguém/nada/nenhum N' e afins*<sup>22</sup>

Também parecem ser combinações extremamente infrequentes. Não encontrei construções deste tipo no Vercial e apenas encontrei 1 registo, de *em nenhum momento nenhum N'*, no CETEMPúblico:

- (52) “**Em nenhum momento, nenhum de nós** afirmou que queria sair, o que penso que já é uma conquista.”  
(CETEMPúblico, ext1250946-clt-soc-93b-2)

A Tabela 4 resume os dados desta secção 3.1.

**Tabela 4. Número (aproximado) de sequências de expressões negativas em posição pré-verbal iniciadas por um adjunto temporal negativo (com valor genuinamente negativo) nos corpora CETEMPúblico e Vercial.**

		CETEMPÚBLICO	Vercial
nunca +	nunca ninguém	1127	68
SN <sub>CN</sub>   SUJEITO	nunca nenhum N'	218	6
	nunca + outras expressões negativas	63	7
nunca +	SN <sub>CN</sub>   COMPLEMENTO DIRETO	4	0
nunca +	SP <sub>CN</sub>   COMPLEMENTO PREPOSICIONADO/ADJUNTO	12	5
jamais +	SX <sub>CN</sub>	2	0
em nenhum momento / em momento algum +	SX <sub>CN</sub>	1	0

### 3.2. Adjuntos temporais negativos como elementos em concordância negativa pré-verbal

Em português, ocorrem por vezes sequências de duas expressões negativas em posição pré-verbal, em que o segundo elemento é um adjunto temporal em concordância negativa, tipicamente *nunca* ou *jamais* (mas também adjuntos mais complexos como *em nenhum momento* e afins). A aceitabilidade destas construções em português contemporâneo não parece consensual, havendo falantes – entre os quais não me incluo – que as rejeitam. Vejam-se as seguintes frases com *ninguém nunca* e com *nada nunca*. Creio que as sequências equivalentes com *jamais* têm igual aceitabilidade.

- (53) Ninguém<sub>NEG</sub> **nunca**<sub>CN</sub> veio falar comigo.  
(54) Nada<sub>NEG</sub> **nunca**<sub>CN</sub> é como nós esperamos.

Com o legitimador *nenhum N'*, a sequência parece-me menos natural com *nunca* – veja-se (56) – do que com *jamais* ou *alguma vez* (que ocorrem em variação livre) – veja-se (55) –, mas há algumas abonações da construção (4 registos no CETEMPúblico – veja-se (59) adiante –, 3 no Vercial e 1 no NILC/São Carlos).

<sup>22</sup> Pesquisas realizadas: (i) "nenhum" "momento" [] {0,1} "ninguém|nada|nenhu.\*|algu.\*"; (ii) "momento" "nenhum|algum" [] {0,2} "ninguém|nada|nenhu.\*|algu.\*".

- (55) Nenhum<sub>NEG</sub> trabalhador {**jamais**<sub>CN</sub> / **alguma vez**} ousou protestar.  
 (56) ??Nenhum<sub>NEG</sub> trabalhador **nunca**<sub>CN</sub> ousou protestar.

As construções que aqui nos ocupam são globalmente pouco frequentes (*cf.* Tabela 5 abaixo) e de gramaticalidade não consensual entre os falantes, mas creio que merecem uma referência separada, na caracterização global do fenómeno da concordância negativa em português.

No CETEMPúblico, observa-se um uso moderado das combinações com **nunca** em concordância negativa pré-verbal.<sup>23</sup> Encontrei 29 registos, nomeadamente: 20 da sequência *ninguém nunca*, 5 de *nada nunca*, 4 de *nenhum N' nunca*. As mesmas pesquisas no Vercial geraram 9 resultados (5 de *ninguém nunca*, 3 de *nenhum N' nunca*, 1 de *N' algum nunca*), atestando a baixa frequência da construção. Eis alguns exemplos, dos dois *corpora*:

- (57) “**Ninguém nunca** procedeu comigo como procederia com outrem (...).”  
 (Mário de Sá-Carneiro, *Céu em Fogo*, in Vercial)  
 (58) “(...) Parcídio e Guterres trataram-se como se **nada nunca** os tivesse dividido...”  
 (CETEMPúblico, ext850140-pol-93a-1)  
 (59) “Como **nenhum** destes elementos **nunca** faltou às reuniões (...), a intervenção dos vogais suplentes (...) deu-se ao arrepio dos citados números (...) do artigo oitavo (...).”  
 (CETEMPúblico, ext1420837-clt-94a-1)  
 (60) “Ó Passos Pimentel, vais ser levado, Onde **cónego algum nunca** tocou.”  
 (Camilo Castelo Branco, *A Murraça*, in Vercial)

Quanto ao **advérbio *jamais***, pesquisas paralelas no CETEMPúblico revelam um uso um pouco mais frequente deste advérbio em concordância negativa em posição pré-verbal, destacando-se principalmente as formas com *nenhum N'* (que não se combinam bem com *nunca*, pelo menos em linguagem comum contemporânea, como referi a propósito de (56), mas parecem combinar-se sem problemas com *jamais* – *cf.* (55)). Há um total de 36 registos no CETEMPúblico: 13 da sequência *ninguém jamais*, 1 de *nada jamais*, 21 de *nenhum N' jamais*, 1 de *N' algum jamais*. No Vercial, há 20 registos: 12 de *ninguém jamais*, 1 de *nada jamais*, 7 de *nenhum N' jamais*, 2 de *N' algum jamais*. Eis alguns exemplos, dos dois *corpora*:

- (61) “**Ninguém jamais** se poderia arrepender de um amor assim.”  
 (CETEMPúblico, ext540986-nd-91b-1)  
 (62) “(...) no canto do pátio (...), (...) começaram a crescer (...) umas florinhas azuis, brancas e cor de ouro, que **nenhum jardineiro jamais** vira (...).”  
 (Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, in Vercial)

<sup>23</sup> Pesquisas realizadas: (i) "[Nn]ninguém|[Nn]ada" "nunca"; (ii) "[Nn]ninguém|[Nn]ada" [] {1,4} "nunca" [pos="V"]; (iii) "[Nn]enhu.\*" [] {0,6} "nunca"; (iv) [pos="N"] "nenhu.\*|algu.\*" [] {0,6} "nunca".

- (63) “Há certamente muitas maneiras de destroçar e desunir um país. Mas **em lado algum jamais** foi tentada essa fórmula ‘revolucionária’ (...).”  
(CETEMPúblico, ext38668-nd-94b-2)

Observe-se finalmente o exemplo único encontrado no CETEMPúblico<sup>24</sup> dos adjuntos temporais *em nenhum momento* / *em momento nenhum* / *em momento algum* em posição pré-verbal, após *ninguém* / *nada* / *nenhum N'*, combinações que parecem, pois, ser de uso residual.

- (64) “Os dois astronautas usaram o Safer à vez, (...) mas **nenhum** deles, em **nenhum** momento, se afastou mais de dez metros do vaivém.”  
(CETEMPúblico, ext226105-clt-soc-94b-2)

A Tabela 5 resume os dados desta secção 3.2.

**Tabela 5. Número (aproximado) de sequências de expressões negativas em posição pré-verbal com um adjunto temporal em concordância negativa nos corpora CETEMPúblico e Vercial.**

		CETEMPúblico	Vercial
SX <sub>NEG</sub> +	ninguém nunca	20	5
nunca <sub>CN</sub>	nenhum N' nunca	4	3
	outras expressões negativas + <i>nunca</i>	5	1
SX <sub>NEG</sub> +	ninguém jamais	13	12
jamais <sub>CN</sub>	nenhum N' jamais	21	7
	outras expressões negativas + <i>jamais</i>	2	3

#### 4. Adjuntos temporais negativos em contextos não negativos – o caso das construções de grau

É bem sabido que as expressões intrinsecamente negativas do tipo de *ninguém*, *nada* e *nenhum N'* podem por vezes ocorrer em contextos não negativos. Essa possibilidade foi explorada de forma muito mais extensa em fases anteriores da língua (*cf. e.g.*, Martins, 1997, p. 183ss.; 2000, p. 195): a frase de João de Barros (séc. XVI) *e por decreto publico foi defeso que **ninguém** navegasse*, por exemplo, apresentada por Said Ali e integrada em Martins (1997), seria hoje claramente agramatical. Para os adjuntos temporais negativos, que são o foco deste trabalho, também é verdade que deixaram de ocorrer na generalidade dos contextos não negativos no decurso da mudança histórica (*cf.* Martins, 1997, pp. 206–207, n. 37). Assim, também seria hoje entendida como agramatical a frase de Padre António Vieira (séc. XVII) *e quando vós mesmos cuydaveis que seria impossivel haver **nunca** mudança em vós, achastes que... o vosso coração se trocou totalmente*, um exemplo igualmente apresentado por Said Ali e integrado em Martins (1997). Porém, há dois contextos incluídos na macroclasse de contextos não negativos que merecem análise em separado e onde – com maior ou menor expressão – se mantém contemporaneamente a possibilidade de uso de (alguns) adjuntos temporais negativos. Refiro-me a duas

<sup>24</sup> Pesquisas realizadas: (i) "[Nn]ninguém|[Nn]ada|[Nn]enh.\*" [] {0,8} "em" "momento" "nenhum|algum"; (ii) "[Nn]ninguém|[Nn]ada|[Nn]enh.\*" [] {0,8} "em" "nenhum" "momento".

construções de grau: estruturas comparativas, como em (65), discutidas em 4.1, e construções superlativas, como em (66) e (67), discutidas em 4.2.

- (65) O Pedro trabalhou mais do que **nunca**.  
 (66) O Governo está mais empenhado do que **jamais** esteve.  
 (67) Chernobil é o maior acidente nuclear **jamais** ocorrido.

Em termos de análise semântica, as expressões negativas nestes contextos não negativos parecem estar associadas a uma interpretação de quantificação universal, verificada pelas equivalências abaixo – para (65) a (67), respetivamente –, mas não tentarei aqui avaliar se se deve considerar, ou não, que o valor em causa é diretamente veiculado pelos adjuntos negativos:<sup>25</sup>

- (68) O Pedro trabalhou mais do que em **todas** as outras ocasiões.  
 (69) O Governo está mais empenhado do que esteve em **todas** as outras alturas.  
 (70) Chernobil é o maior acidente nuclear de **sempre**.

A análise de *corpora* como o CETEMPúblico mostra que estes dois contextos não negativos são aqueles em que os adjuntos temporais negativos mais frequentemente ainda ocorrem em português contemporâneo. Tanto em construções comparativas como em construções superlativas, os adjuntos temporais negativos estão em competição (e frequentemente em variação livre) com a expressão indefinida *alguma vez*, que é de uso mais frequente contemporaneamente, como veremos adiante.

- (71) O Pedro trabalhou mais do que **alguma vez** tinha trabalhado.  
 (72) O Governo está mais empenhado do que **alguma vez** esteve.  
 (73) Chernobil é o maior acidente nuclear **alguma vez** ocorrido.

Vejamos cada contexto individualmente, já que cada um tem as suas particularidades gramaticais.

#### 4.1. Adjuntos temporais negativos em construções comparativas

Neste contexto, importa considerar separadamente os advérbios temporais negativos *nunca* e *jamais*. Começemos por *nunca*. Martins (1997, p. 207, n. 37) considera que construções comparativas como *está melhor do que nunca* são “vestígios fossilizados de *nunca* como item de polaridade modal” (designação da autora para ocorrências de expressões negativas em contextos não negativos)<sup>26</sup>, no que é seguida, por exemplo, por

<sup>25</sup> Sobre este assunto, veja-se Marques (2003, 2007). Marques (2003, pp. 167–168) refere que uma das análises possíveis (mas não a única) da frase *a Maria trabalha mais do que ninguém* envolve quantificação universal sobre graus (“o grau em que a Maria trabalha é superior ao grau em que **todas** as outras pessoas trabalham”):

(i)  $\exists g' [\text{trabalha}'(m, g') \wedge \forall g [\exists x [\text{pessoa}'(x) \wedge \text{trabalha}'(m, g')] \rightarrow g' > g]$

<sup>26</sup> O mesmo acontece com *ninguém* em frases como *ele canta melhor que ninguém* – consulte-se Martins (1997, p. 205, n. 33).

Marques (2003, p. 241). A construção é usada tanto em português europeu como em português brasileiro, em números relativamente elevados (mais de 2.200 registos no CETEMPúblico, mais de 200 no NILC/São Carlos).

A observação sistemática de dados do CETEMPúblico revela alguns factos gramaticais que penso merecerem destaque.

Em primeiro lugar, observa-se que as construções já não se comportam como genuínas orações comparativas, mas parecem antes funcionar como sintagmas comparativos não oracionais. Prova disto é que a realização de um predicado verbal na estrutura comparativa é geradora de grande estranheza, ou mesmo agramaticalidade:

(74) Ele trabalhou mais **do que nunca** (\*tinha trabalhado).

Sintomaticamente, entre os mais de dois milhares de registos de *nunca* em construções comparativas com *mais* no CETEMPúblico, apenas 3 ocorrem com forma verbal realizada, aspeto que os torna pouco naturais (face às alternativas com apagamento do verbo). Seguem-se dois exemplos:

(75) “Hoje é [...] muito mais célebre **do que nunca** *foi* nos tempos do seu recôndito estrelato.”

(CETEMPúblico, ext411300-nd-95a-1)

(76) “[...] Mário Viegas vai mais longe **do que nunca** *foi* na desmistificação da vida literária portuguesa [...]”

(CETEMPúblico, ext529295-clt-94a-2).

Em segundo lugar, observa-se que os sintagmas comparativos com *nunca* ocorrem em contextos em que normalmente não encontramos orações comparativas, como no seguinte exemplo (posição pré-particípio, numa oração participial):

(77) “Para além dos temas de sempre dos Trovante, [os **mais do que nunca** assumidos caminhos da latinidade] marcarão os compassos desta noite.”

(CETEMPúblico, ext890275-soc-98b-2)

Em terceiro lugar, observa-se uma forte assimetria em termos de frequência entre as comparativas de superioridade, predominantes, e as comparativas de inferioridade e igualdade, de uso quase residual. Nas orações comparativas comuns também existe assimetria na frequência das três construções, mas com *nunca* ela é muito mais acentuada. No CETEMPúblico, só encontrei 11 registos de comparativas de inferioridade com *nunca*, todas sem verbo realizado, como em (78), e 10 registos de comparativas de igualdade (com *tão*), 4 das quais sem verbo realizado, como em (79), e 6 curiosamente com verbo realizado, o que lhes confere um matiz arcaizante – confronte-se (80).<sup>27</sup> No NILC/São Carlos, há apenas 2 e 1 registos de cada uma destas duas classes de comparativas, respetivamente.

<sup>27</sup> Pesquisas realizadas: (i) “[Mm]enos” [] {0,4} “que” “nunca”; (ii) “[Tt]ão/[Tt]anto” [] {0,3} “como” “nunca”.

- (78) “(...) o Governo reúne agora **menos condições do que nunca** para avançar com opções políticas de forma pacífica.”  
(CETEMPúblico, ext764597-eco-94b-2)
- (79) “As costelas monárquica e sportinguista (...) continuam **tão fortes como nunca.**”  
(CETEMPúblico, ext576726-clt-94b-2)
- (80) “A estas horas, (...) já toda a gente ouviu falar desta grande paródia, **tão cómica e frenética como nunca** *se viu* em palcos da Outra Banda.”  
(CETEMPúblico, ext453863-clt-94a-1)

Em termos de distribuição sintática, predomina a expressão *mais (do) que nunca* usada em contextos adverbiais, quer na típica posição pós-verbal, como em (81), quer em posição inicial absoluta, como em (82). Mas também ocorrem com alguma frequência sequências do tipo *mais ADJ' (do) que nunca / melhor (do) que nunca*, como em (83), e *mais N' (do) que nunca*, como em (84).

- (81) “Nas últimas semanas, as pessoas queixaram-se **mais que nunca** às associações de defesa dos consumidores.”  
(CETEMPúblico, ext1398650-pol-93a-1)
- (82) “**Mais do que nunca**, a banca portuguesa vai debater-se no próximo ano com um conjunto alargado de problemas (...)”  
(CETEMPúblico, ext707263-eco-94b-1)
- (83) “(...) a crise continua. E o futuro está [<sub>SA</sub> **mais incerto que nunca**].”  
(CETEMPúblico, ext229849-nd-97a-1)
- (84) “Hoje, há [<sub>SN</sub> **mais nuvens que nunca**] sobre o Partido Socialista Operário Espanhol (...)”  
(CETEMPúblico, ext1450988-pol-98a-1)

Vejamos agora o adjunto temporal negativo *jamais*. Há algumas diferenças entre *nunca* e *jamais* em construções comparativas que merecem destaque: (i) uso quase residual de *jamais* em construções comparativas; apenas encontrei 6 registos da construção (*vs.* mais de 2.200 de *nunca*) no CETEMPúblico, e 3 no NILC/São Carlos; não há nenhum registo no Vercial<sup>28</sup>; (ii) o adjunto negativo *jamais* nunca aparece sozinho na construção comparativa – veja-se *\*está melhor (agora) do que jamais*; com *jamais*, tipicamente, o verbo é realizado, como em *está melhor (agora) do que jamais esteve* –, ou é elidido na presença de um adjunto, como em *está melhor (agora) do que jamais no passado*; nos 6 registos encontrados, 5 realizam o verbo, como em (85), e 1 omite-o na presença de um adjunto temporal, como em (86):

- (85) “O facto de ligarem o seu computador ao mundo ‘on-line’, permitirá que os consumidores adquiram **mais poder do que jamais** *tiveram* no mercado.”  
(CETEMPúblico, ext431568-com-97b-1)
- (86) “O mercado recuperou o essencial das suas funções, estando **mais aberto do que jamais** *na história contemporânea.*”

<sup>28</sup> Pesquisa: "[Mm]ais|[Mm]enos|[Mm]elhor|[Pp]ior|[Mm]enor|[Mm]aior" [] {0,4} "que" "jamais".

(CETEMPúblico, ext834080-nd-95b-2)

Em português contemporâneo, nas construções comparativas com realização do verbo (ou elipse de verbo na presença de um adjunto), predomina, sem sombra de dúvidas, a expressão indefinida *alguma vez*, que tem uma distribuição semelhante a *jamais*, mas é de uso mais frequente – *\*está melhor (agora) do que alguma vez, está melhor (agora) do que alguma vez esteve, está melhor (agora) do que alguma vez antes*.<sup>29</sup>

#### 4.2. Adjuntos temporais negativos em construções superlativas

Creio não ter sido suficientemente destacado na literatura o facto de que o advérbio negativo *jamais* ocorre com elevadíssima frequência em construções superlativas, em português europeu contemporâneo: c. 25% dos registos desta forma no CETEMPúblico (num total de quase 1000 ocorrências).<sup>30</sup> Este facto distingue contemporaneamente *jamais* de *nunca*, uma vez que *nunca* não ocorre atualmente nestas construções.<sup>31</sup> Segundo Martins (1997, pp. 206–207, n. 37), o uso de *nunca* em construções superlativas está atestado entre os séculos XIII e XIX, como no seguinte exemplo da autora, extraído de Said Ali: *a frota deste anno é a mais rica que nunca partio do Brasil* (Padre António Vieira, século XVII). Pinto (2021, pp. 155–158) também dá exemplos antigos de *nunca* em construções superlativas, em combinação com o item de polaridade negativo arcaico *[h]omem*, como na seguinte frase da *Demanda do Santo Graal* (sécs. XIII-XIV): *eu achei a maior maravilha que nunca omem visse*. A autora sublinha ainda a impossibilidade contemporânea de ocorrência de *nunca* em superlativos, que resultou de mudança linguística – por exemplo, *\*os termómetros atingiram hoje a temperatura mais alta que nunca se registou* (Pinto, 2021, p. 157).

O advérbio temporal negativo *jamais* é bastante frequente no registo jornalístico português – com uma prevalência de 19 registos por milhão de palavras no CETEMPúblico. Curiosamente, é quase três vezes mais frequente no registo jornalístico brasileiro – 53 registos por milhão de palavras no NILC/São Carlos – e em texto literário – 54 registos por milhão de palavras no Vercial.

Consideremos em mais pormenor o uso de *jamais* em construções superlativas. Em texto jornalístico contemporâneo, o advérbio *jamais* ocorre com bastante frequência em construções superlativas (sempre em modificadores oracionais dentro do sintagma

<sup>29</sup> Na pesquisa no CETEMPúblico "[Mm]ais|[Mm]enos|[Mm]elhor|[Pp]ior|[Mm]enor|[Mm]aior" [] {0,4} "que" "alguma" "vez" encontraram-se 56 registos de construções comparativas, ou seja, nove vezes mais do que na pesquisa paralela com *jamais* (que gerou apenas 6 resultados). 3 destes registos envolvem elipse de verbo na presença de um adjunto (temporal ou espacial).

<sup>30</sup> O número é calculado a partir da leitura dos primeiros 400 registos de *jamais* no CETEMPúblico; 100 desses 400 registos são de construções superlativas: 84 em modificadores participiais, 16 em orações relativas restritivas; uma projecção desta percentagem no número total de registos de *jamais* no corpus (3.845), dá um total de 961 ocorrências relevantes. A taxa de prevalência nos corpora NILC/São Carlos e Vercial, que será referida adiante, é obtida pela observação da totalidade dos registos de *jamais* nesses corpora.

<sup>31</sup> No CETEMPúblico, apenas encontrei 1 registo de *nunca* em construções superlativas, claramente anómalo: "[...] o AZT (...) deve ser o fármaco mais tóxico, nunca aprovado nos EUA para terapia indefinida." (CETEMPúblico, ext1462120-soc-96b-1).

superlativo), em variação livre com a expressão indefinida *alguma vez*, que é de uso mais frequente.<sup>32</sup>

(87) Esta é a ponte mais longa {<sup>OK</sup>**jámais** / <sup>OK</sup>**alguma vez** / **\*nunca**} construída entre duas ilhas.

Os modificadores em que *jámais* ocorre são de dois subtipos sintáticos: orações participiais (84% dos registos no CETEMPúblico, 55% no NILC/São Carlos) – vejam-se (87) e (88) – ou orações relativas restritivas (16% dos registos no CETEMPúblico, 45% no NILC/São Carlos) – veja-se (89). Tanto no CETEMPúblico como no NILC/São Carlos, o advérbio só ocorre antes da forma verbal, ou seja, não há registos nestes *corpora* de sequências com *jámais* pós-verbal (como *a maior feira realizada jámais* ou *os maiores desafios que tiveram jámais de enfrentar*).

(88) “É a maior feira **jámais** realizada no país (...).”  
(CETEMPúblico, ext173631-soc-97b-1)

(89) “Os próximos meses (...) trazem-lhes um dos maiores desafios que **jámais** tiveram de enfrentar.”  
(CETEMPúblico, ext138990-eco-94a-1)

No *corpus* Vercial, há um total de 761 registos de *jámais*. A sua observação permite destacar três aspetos em que o uso de *jámais* em construções superlativas é distinto do que se observa no CETEMPúblico, isto é, em texto jornalístico português contemporâneo. Tanto quanto sei, estes factos ainda não foram notados na literatura:

(i) no Vercial, não há qualquer registo de *jámais* em modificadores participiais, isto é, em construções do tipo de (87) e (88), que representam a maioria das ocorrências de *jámais* em construções superlativas no CETEMPúblico (84%) e no NILC/São Carlos (55%); com efeito, neste *corpus* de texto literário, *jámais* em superlativos apenas ocorre dentro de orações relativas restritivas<sup>33</sup>

(90) “[...] ele criou o verbo mais poderoso e mais belo que **jámais** (...) encantou ouvidos humanos.”  
(Eça de Queirós, *Notas Contemporâneas*, in Vercial)

<sup>32</sup> Na pesquisa no CETEMPúblico “[Mm]ais|[Mm]enos|[Mm]elhor|[Pp]ior|[Mm]enor|[Mm]aior” [] {0,4} “que” “alguma” “vez” encontraram-se 161 registos de construções superlativas, quatro vezes mais do que na pesquisa paralela com *jámais* (que gerou 44 resultados).

<sup>33</sup> No *corpus* Literateca (cf. n. 2), há apenas 1 registo da construção com *jámais* em modificadores participiais, de um autor brasileiro da segunda metade do século XIX: “E erguendo a braço hercúleo, (...) assentou (...) um segundo estalo, que foi o prelúdio da **mais** tremenda algazarra **jámais ouvida** em templo cristão.” (José de Alencar, *As Minas de Prata*, 1862-1866). Tendo isto em conta, pode conjecturar-se que se trata de uma inovação gramatical relativamente recente, mas isso só poderá ser confirmado ou infirmado com uma consulta de *corpora* de texto antigos mais extensos, que neste momento não estou em condições de realizar.

(ii) no Vercial, a prevalência do uso de *jamaís* em construções superlativas face aos outros usos de *jamaís* é de 2,5% (com um total de 19 registos); esta taxa é semelhante à que se verifica no NILC/São Carlos (c. de 2,8%, com um total de 51 registos), mas é cerca de dez vezes inferior à que se observa no CETEMPúblico (25%), sinalizando uma particularidade do português europeu contemporâneo (pelo menos no tipo de registo em causa), já destacada no início desta subsecção;

(iii) entre os 19 registos de *jamaís* em construções superlativas no Vercial, há 4 (21%) com *jamaís* em posição pós-verbal, quando no CETEMPúblico e no NILC/São Carlos não há nenhum; em todo o caso, 2 desses registos são de textos do século XVII e 1 de um texto do século XVIII, pelo que se pode ponderar tratar-se de uma sintaxe de algum modo arcaizante, não reconhecida como válida contemporaneamente; o único exemplo mais recente da ordem em causa é

- (91) “Aqui estou na **maior** confusão em que me vi **jamaís**, e sem alguma esperança de sair dela [...]”  
(Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*)

Faço agora algumas breves considerações sobre a combinação de *jamaís* com o numeral ordinal *primeiro*, de que há 23 registos no CETEMPúblico (e 2 no NILC/São Carlos) e que não tem atestações no *corpus* Vercial.<sup>34</sup> Trata-se de um número surpreendentemente alto, dado que a gramaticalidade da construção não parece consensual. Embora *primeiro* (tal como, aliás, *último*) tenha aspetos semânticos que o aproximam dos superlativos (o primeiro é “o que está posicionado *mais à esquerda* na ordenação numérica” ou “o que ocorre *mais cedo* numa ordenação temporal”), não forma construções superlativas *stricto sensu*. Em 21 destes 23 registos do CETEMPúblico, *jamaís* ocorre antes de um participio passado (a construção que, recorde-se, com superlativos, só está documentada no CETEMPúblico, não no Vercial) – veja-se (92); nos outros dois registos, *jamaís* ocorre numa oração relativa restritiva, num caso – veja-se (93) –, e, de forma bastante anómala, num modificador adjetival não oracional, no outro – veja-se (94).

- (92) “(...) o pulsar PSR1829-10 (...) tem um companheiro que, segundo tudo indica, é o **primeiro** planeta **jamaís descoberto** fora do nosso sistema planetário.”  
(CETEMPúblico, ext469186-nd-91b-2)
- (93) “O **primeiro** negro que **jamaís se candidatou** à Presidência do país (...) foi o menos votado, apenas com 0,38 por cento.”  
(CETEMPúblico, ext411725-pol-97b-1)
- (94) “Este é o **primeiro** regime democrático **jamaís existente** no Haiti.”  
(CETEMPúblico, ext847924-pol-94b-2)

<sup>34</sup> No Vercial, há apenas 1 registo comparável, mas com *último*, num poema de Almeida Garrett: “A vós meu canto, Canto de indignação, **último** acento, Que **jamaís** sairá da minha lira, A vós, ó povos do universo, o envio (...)” (Almeida Garrett, *Camões*, in Vercial). Não se observam combinações de *jamaís* com *último* (ou com quaisquer outros numerais ordinais além de *primeiro*), no CETEMPúblico.

Termino esta secção com uma consideração geral sobre o estatuto especial de *jamaís* para que os dados aqui registados apontam. Martins (1997) estabelece uma correlação entre a perda da possibilidade de ocorrer em contextos negativos pré-verbais com *não* (que afetou no decurso da mudança histórica expressões como *nenhum*, *nada* e *ninguém* – cf. secção 2 e n. 6) e a perda da possibilidade de ocorrer em contextos positivos (ditos “modais” *lato sensu*): na sua análise, as expressões em causa terão evoluído para “itens de polaridade forte” e terão deixado de poder ocorrer em contextos não negativos. Curiosamente, *jamaís* não parece ter sofrido esta evolução, pelo menos de forma plena, já que continua a ocorrer com elevada frequência em contextos positivos (embora não coocorra, como *nunca*, em posição pré-verbal com *não* – cf. \**ele jamais não hesitou*).<sup>35</sup> Isto só acontece, porém, em construções superlativas, o que mostra que estas construções têm propriedades particulares que requerem uma análise autónoma. O advérbio *jamaís* é, pois, um adjunto de valor negativo com propriedades muito particulares, parcialmente distintas das das outras expressões negativas (*nenhum*, *nada*, *ninguém*, e bem assim *nunca*), e está possivelmente mais próximo do que Martins (1997) descreve como “palavras ambíguas entre itens de polaridade forte [*i.e.*, que não ocorrem a não ser em contextos negativos] e itens de polaridade fraca [*i.e.*, que ocorrem em contextos positivos, ditos modais]”, que existem em diversas outras línguas.

## 5. Conclusão

Este trabalho centrou-se na distribuição contemporânea dos adjuntos temporais negativos *nunca*, *jamaís*, *em nenhum momento*, *em momento nenhum* e *em momento algum*, com destaque para os dois primeiros, que representam 99,7% dos registos destas expressões no CETEMPúblico (PE) e 97,3% no NILC/São Carlos (PB). Observaram-se os principais contextos em que estes adjuntos ocorrem contemporaneamente: dois contextos negativos – em posição pré-verbal como genuínos operadores de negação (*e.g.*, *nunca mentiu*) vs. em posição pós-verbal em concordância negativa (*e.g.*, *não mentiu nunca*) – e dois contextos não negativos (construções comparativas e construções superlativas). Em relação aos dois contextos negativos, observou-se que a proporção de ocorrências dos adjuntos em causa como genuínos operadores de negação, em texto jornalístico português, é de 96% para *nunca*, 90% para *jamaís* e 74% (em média) para os adjuntos complexos com *nenhum* e *algum* (sendo os números muito semelhantes em texto jornalístico brasileiro: 97%, 87% e 79%, respetivamente). Ainda no que respeita a contextos negativos, foram analisadas sequências de expressões negativas que integram um adjunto temporal em posição pré-verbal, pouco estudadas na literatura. Observou-se que com o adjunto temporal na primeira posição, as construções são extremamente frequentes com *nunca* seguido de um constituinte negativo associado à função de sujeito – por exemplo, *nunca ninguém mentiu*, *nunca nenhum deputado se ausentou* –, tornam-se mais raras com *nunca* seguido de uma expressão preposicionada – por exemplo, *nunca em parte alguma foi encontrado* – e são quase residuais com *nunca* seguido de um

<sup>35</sup> Sobre a ocorrência de *jamaís* em posição pré-verbal após *ninguém*, *nada*, *nenhum* N' ou N' *algum*, veja-se a secção 2.2.

complemento direto anteposto – por exemplo, *(uma lei que) nunca nada resolveu*. Com *jamais* e com os adjuntos complexos com *nenhum e algum*, todas as construções são raras, de uso quase residual. Observou-se ainda que com o adjunto temporal na segunda posição (de uma sequência de expressões negativas em posição pré-verbal) as construções são sempre infrequentes, independentemente do adjunto negativo utilizado (menos de 40 registos com *nunca* e menos de 40 registos com *jamais*, no *corpus* CETEMPúblico) e parecem não ter aceitação consensual generalizada: *nunca* coocorre principalmente com *ninguém e nada* – *ninguém nunca fez nada, nada nunca lhe agrada* –, parecendo especialmente marginal com *nenhum N'* – *nenhum problema nunca é resolvido assim*; *jamais* aceita melhor as três combinações, em especial a última – *nenhum problema jamais é resolvido assim*.

Quanto aos contextos não negativos em que os adjuntos temporais negativos ocorrem contemporaneamente com alguma frequência, ainda que com fortes restrições, foram observados diversos factos. As construções comparativas com *nunca* são extremamente frequentes, mas têm uma forma sintática simplificada (sem permitir a realização de um predicado verbal): *mais/melhor do que nunca*; nas mesmas configurações o uso de *jamais* parece ser bloqueado: *\*mais/melhor do que jamais*. Inversamente, quando o predicado verbal é realizado, o uso de *nunca* é bloqueado e o de *jamais* é permitido, ainda que a frequência da construção seja baixa (indo a preferência, nestes contextos, para a expressão indefinida *alguma vez*): *trabalhou mais do que {jamais / alguma vez} trabalhara*. As construções superlativas documentam a mais significativa diferença distribucional contemporânea entre *nunca* e *jamais*: *nunca* comporta-se como um item de polaridade forte típico, rejeitando a ocorrência em contextos não negativos (se excluirmos a sua ocorrência “fossilizada” em comparativas não oracionais); *jamais* comporta-se como uma forma ambivalente entre um item de polaridade forte e um item de polaridade fraco; a segunda variante materializa-se apenas na sua ocorrência em construções superlativas. A ocorrência de *jamais* em construções superlativas representa 25% das ocorrências totais de *jamais* em texto jornalístico português contemporâneo (CETEMPúblico), em contraste com uma prevalência cerca de dez vezes inferior em texto jornalístico brasileiro contemporâneo (NILC/São Carlos) ou em texto literário (Vercial). A ocorrência de *jamais* em modificadores participais (além de em orações relativas restritivas), em construções superlativas, é especialmente interessante, porque é predominante hoje em dia (84% no CETEMPúblico, 55% no NILC/São Carlos), mas parece não ter sido usada (ou pelo menos muito usada) em fases anteriores da língua.

Globalmente, *nunca* e *jamais* apresentam várias diferenças gramaticais notáveis. Desde logo, nas taxas de frequência, sendo *nunca* 25 vezes mais frequente que *jamais* no CETEMPúblico (PE) e quase 5 vezes mais frequente no NILC/São Carlos (PB), mas ainda: (i) na possibilidade de ocorrência em superlativos, só disponível para *jamais*; (ii) na ocorrência em concordância pré-verbal com *nenhum N'*, só disponível com plena aceitação para *jamais*; (iii) na ocorrência como legitimador de concordância negativa pré-verbal, praticamente só observada com *nunca*.

**Financiamento:** Esta pesquisa foi financiada com verbas do Projeto Estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa UIDB/00214/2020.

**Agradecimentos:** Agradeço a Ana Maria Martins e a Rui Marques a leitura de uma versão prévia deste texto e as sugestões que me fizeram.

## Referências

- Labov, W. (1972). Negative attraction and negative concord in English grammar. *Language*, 48(4), 773–818.
- Marques, R. (2003). *Para uma semântica das construções comparativas em português* (Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa).
- Marques, R. (2007). Sintagmas negativos em construções comparativas do português. In M. Lobo & M. A. Coutinho (Eds.), *Actas do XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 447–463). Associação Portuguesa de Linguística.
- Marquilha, R. (2013). Fenómenos de mudança na história do português. In E. P. Raposo, M. do Nascimento, M. da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 17–45). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, A. M. (1997). Aspectos da negação na história das línguas românicas (Da natureza de palavras como *nenhum, nada, ninguém*). In I. Castro (Ed.), *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 179–210). Associação Portuguesa de Linguística.
- Martins, A. M. (2000). Polarity items in Romance: Underspecification and lexical change. In S. Pintzuk, G. Tsoulas & A. Warner (Eds.), *Diachronic syntax: Models and mechanisms* (pp. 191–219). Oxford University Press.
- Martins, A. M. (2015). Ordem de palavras e polaridade: Inversão nominal negativa com *algum/alguno* e *nenhum*. *Diacrítica*, 29(1), 401–428.
- Matos, G. (1999). Negative Concord and the Scope of Negation. *Catalan Working Papers in Linguistics*, 7, 175–190.
- Peres, J. A. (1994). Concordância negativa através de fronteiras fráscas. In *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 435–451). Associação Portuguesa de Linguística.
- Peres, J. A. (1997). Extending the notion of negative concord. In D. Forget, P. Hirschbühler, F. Martineau & M.-L. Rivero (Eds.), *Negation and polarity, syntax and semantics* (pp. 289–310). John Benjamins.
- Peres, J. A. (2000). On the nature and licensing conditions of N-phrases in Portuguese. *DELTA*, 16, 165–199.
- Peres, J. A. (2013). Negação. In E. P. Raposo, M. do Nascimento, M. da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 1, pp. 461–498). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinto, C. (2021). *Minimizers and the syntax of negation: A diachronic and comparative approach from European Portuguese* (Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa).
- Raposo, E. P. (2013). Advérbio e sintagma adverbial. In E. P. Raposo, M. do Nascimento, M. da Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 2, pp. 1569–1684). Fundação Calouste Gulbenkian.

## Corpora consultados

- Linguatca. (2001). CETEMPúblico 1.7 (v. 11.5) [Corpus eletrónico].  
<https://www.linguatca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CETEMPUBLICO>
- Linguatca. (2023). NILC/São Carlos (v. 14.2) [Corpus eletrónico].  
<https://www.linguatca.pt/aceso/corpus.php?corpus=SAOCARLOS>

Linguateca. (2024). Projeto Vercial (v. 15.1). [Corpus eletrônico].  
<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=VERCIAL>

[recebido em 09 de novembro de 2023 e aceite para publicação em 09 de maio de 2024]